

BOLETIM

DA

REAL ASSOCIAÇÃO

DOS

ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

N.º 12

SUMMARIO. — Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes; actas das sessões da Assembléa Geral de 24 e 31 d'Outubro e de 7 de Novembro de 1897. — D. Francisco Gomes do Avellar, bispo do Algarve. — Bibliotheca Nacional de Lisboa, Livros de numismatica, — Correspondencia. — Archeologia. — Mosteiro de Grijó, do sr. Silva Ventura. — Noticias archeologicas, do sr. E. R. Dias.

REAL ASSOCIAÇÃO DOS ARCHITECTOS CIVIS
E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Sessão da Assembléa Geral em 24 de Outubro de 1897.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Valentim José Corrêa, vice-presidente.

Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^{mo} Sr. Silva Leal.

Abriu-se a sessão á hora e meia da tarde, achando-se presentes alem da Mesa, os Ex.^{mos} Srs. Dr. Sousa Viterbo, Ernesto da Silva, Jesuino Ganhado, Cavalleiro e Sousa, Soares O'Sullivand, Adães Bermudes e Rosendo Carvalheira.

O sr. general Pimentel Maldonado pediu desculpa de não comparecer.

O sr. Presidente disse que não podia ser lida a acta da sessão antecedente, por que ainda não estava na mesa.

Mencionou-se a seguinte correspondencia :

Um officio do Ex.^{mo} Sr. Visconde da Torre da Murta, Conservador da Bibliotheca d'esta Associação, acompanhando uma carta, a que se refere

a proposta infra transcripta, que lhe dirigira o Ex.^{mo} Sr. Joaquim José da Nova, da Povoia de Varsim, e declarando que, em virtude da auctorisacão que lhe era concedida na mencionada carta, determinára já alguns melhoramentos que em breve deviam estar concluidos e de que opportunamente daria contas.

Do mesmo sr. Visconde se recebeu a seguinte proposta, que foi approvada por aclamação :

«Tendo o nosso prestante socio o Ex.^{mo} Sr. Joaquim José da Nova offerecido a esta Real Associação a quantia de vinte mil réis para serem applicados em beneficio da bibliotheca da mesma Associação, cumpre-me o grato dever e a satisfação de propor que na acta d'esta sessão se faça menção d'um voto de louvor e sincero agradecimento ao nosso dedicado socio por mais esta prova espontanea do seu desvelado zelo, constante dedicacão e interesse pelos progressos d'esta Associação que tem no mais subido apreço e consideração os seus bons e valiosos serviços. E que d'esta parte da acta se dê conhecimento ao nosso benemerito Socio. 24 de Outubro de 1897. (a) Visconde da Torre da Murta.»

Uma carta do Ex.^{mo} Sr. Dr. José Leite de Vasconcellos justificando a sua falta á sessão e participando que estivera em Malines, em Agosto proximo preterito, e assistira n'um dia a duas das

sessões do Congresso Archeologico celebrado n'aquella cidade, ao qual havia concorrido na qualidade de delegado da nossa Sociedade e de Director do Museu Ethnologico Portuguez. Os assumptos ventilados n'aquellas sessões foram todos de interesse absolutamente local e por isso elle, sr. Leite de Vasconcellos, não interviu, pois que nos seus estudos só se occupa de Portugal, mas relacionou-se com muitos archeologos belgas, de quem recebeu numerosas provas de deferencia e alguns d'elles lhe fallaram no nosso antigo e saudoso presidente, o Sr. Possidonio da Silva. Tencionando publicar um Relatorio da excursão archeologica que em Agosto e Setembro ultimos realizou por Hespanha, França e Belgica, n'elle se referirá mais d'espaco ao congresso de Malines.

Com esta carta foram recebidas algumas publicações de que o Sr. Dr. Leite de Vasconcellos é auctor, as quaes offereceu para a nossa Bibliotheca, e entre ellas o 1.º volume das *Religiões da Lusitania*.

Do sr. Dr. Anton Blomberg, bibliothecario da Academia Real das Bellas Artes, historia e antiguidades de Stockholm, foi lido um officio accusando a recepção de alguns numeros do nosso *Boletim*, pedindo a troca de publicações e mandando os ultimos 7 volumes annuaes do jornal d'aquella Academia, com a declaração de que não estão ainda publicados os que são relativos aos ultimos annos (1894 e seguintes).

Do sr. Dr. J. Pérès recebeu-se tambem um officio offerecendo varias publicações em hespanhol.

O Presidente interino da Camara Municipal de Elvas agradeceu, em cumprimento de resolução tomada por aquella camara, o exemplar n.º 144 do *Elogio Historico*, de Possidonio da Silva e pediu que fossem remettidos para a sua bibliotheca todos os numeros do *Boletim* da nossa Associação.

Do Bibliothecario da Bibliotheca Publica do Porto recebeu-se agradecimento pela remessa do *Boletim* n.º 9.

Foram approvadas as seguintes propostas:

Para socios effectivos

Os Ex.^{mos} Srs. Francisco Carlos Parente, architecto, em tirocinio, das obras publicas; e Alvaro Augusto Machado, alumno architecto da Real Academia das Bellas Artes de Lisboa;

Para socios correspondentes:

Mr. Alphonse de Witte, director da *Revue Belge de Numismatique* e conservador das collecções da

Sociedade Real de Numismatica da Belgica, pelos serviços por elle prestados á sciencia em geral e pela attenção especial que lhe merece a numismatica portugueza; e o Ex.^{mo} Sr. José Pinto da Silva Ventura, proprietario na villa da Feira e auctor de uma interessante monographia sobre o convento de S. Salvador de Grijó, que está sendo publicada no nosso *Boletim*.

Entre outras publicações estavam sobre a mesa, offerecidos pelos seus auctores, os seguintes volumes:

Inicios da renascença em Portugal. Quinta e palacio da Bacalhóa em Azeitão. Monographia historico-artistica pelo sr. Joaquim Rasteiro.

Memorias sobre a antiguidade pelo sr. Dr. Antonio dos Santos Rocha.

Estudos historicos sobre pintura pelo sr. Maximiano d'Aragão.

Decoração na construcção civil — N.º 1 — *Algumas indicações sobre a arte de dourar*, pelo sr. Francisco Liberato Telles Castro da Silva.

Congrès international des architectes. 5.^{me} session tenue à Paris du 17 au 22 juin 1889. Organisation, compte rendu et notices. Paris 1896. N'este volume vem impresso o retrato do nosso chorado Presidente Possidonio da Silva e juntamente alguns excerptos de um artigo biographico publicado no jornal *L'Architecture*.

O Sr. Presidente consultou a Assembléa sobre qual dos tres assumptos pendentes de discussão devia merecer preferencia para entrar em ordem do dia: o 1.º d'esses assumptos versava sobre a proposta do Sr. Costa Goodolphim relativamente a projectos para a construcção de habitações economicas; o 2.º, sobre a proposta do Sr. Augusto Ribeiro para a reforma dos estatutos; e o 3.º, sobre a proposta do Sr. Adães Bermudes para se promover a reunião de um congresso nacional de architectura e archeologia por occasião do centenario que se festeja em maio do anno proximo.

O sr. Adães Bermudes ponderou que, tendo a commissão do centenario da India aberto concurso para a apresentação de projectos de habitações economicas, se podiam considerar em parte desde já satisfeitos os intentos do sr. Costa Goodolphim e que, portanto, esse assumpto podia continuar a ser tratado depois de se resolver a questão do congresso. Tambem lhe parecia que para a reforma dos estatutos podia haver um adiamento, porque, se é certo que n'elles existem alguns artigos cuja alteração importava muito fazer, não se póde todavia deixar de reconhecer que d'esse facto não resultam graves prejuizos para a boa marcha dos negocios da Associação. Quanto ao Congresso é que não se dá a mesma razão de adiamento. Tudo está indicando a conveniencia de que elle se effectue. Desde que apresentou a proposta para tal fim,

encontrou logo adhesões de notaveis homens de sciencia que prometteram o seu poderoso concurso, no que respeita a memorias sobre architectura e archeologia.

Enumerou as vantagens que das companhias de caminhos de ferro se obteriam no transporte das pessoas que viessem tomar parte nos trabalhos do congresso, cujas reuniões poderiam celebrar-se na Sociedade de Geographia, a qual, estava certo, havia de concedel-a. Da commissão organisadora do centenario podia tambem obter-se uma subvenção dentro da verba que ella recebe do governo e que é bastante elevada, em que estão comprehendidas as despesas que se fizerem com varios congressos.

Entendê, pois, de toda a urgencia convocar a commissão nomeada para a organização do congresso de architectura e archeologia, a fim de que apresente os seus trabalhos á Assemblêa no mais curto praso possivel.

O sr. Rosendo Carvalheira, conformando-se plenamente com a idéa de que se realise o congresso, entende primeiro que tudo necessario convocar a commissão para que ella conheça quaes são os meios de que dispomos para o effectuar de modo que não façamos má figura; e, visto que faltam pouco mais de seis mezes para a commemoração do Centenario, convem que não haja demora na redacção do programma do mesmo Congresso.

O sr. Bermudes fez ainda algumas considerações sobre os meios de tornar pratica a idéa do Congresso e propoz que a presidencia ficasse encarregada de convocar a commissão que tem de dar parecer sobre a sua proposta relativa ao Congresso e convidal-a a activar os seus trabalhos.

Depois de algumas duvidas expostas pelo sr. Presidente, sobre quaes eram os cavalheiros nomeados para essa Commissão, foi approved, por proposta do sr. Carvalheira, que a convocação fosse feita, logo que o sr. Presidente consultasse a acta da sessão anterior, na parte respectiva a este ponto.

O sr. Soares O'Sullivand disse que a prioridade da idéa de concurso para apresentação de projectos de habitações economicas pertencia a esta Associação, onde tão importante assumpto tem sido objecto de largo estudo; a commissão do centenario da India aproveitou a idéa, mas é necessario que no congresso de architectura e archeologia, promovido pela nossa Associação, se torne bem evidente que essa iniciativa partiu d'aqui.

O sr. Bermudes observou que na sua proposta estão indicados varios numeros concernentes a parte architectonica, taes como esthetica e saneamento das cidades portuguezas, onde a questão das habitações economicas tem o seu lugar, e isto certa-

mente está d'accordo com o que o sr. O'Sullivand deseja.

O sr. Carvalheira entende que effectivamente é necessario evitar que seja prejudicada a nossa iniciativa; e, comquanto a questão das habitações economicas não possa resolver-se de momento, nem ao termo de muitos annos, por uma forma perfeitamente cabal e satisfactoria, julga que no Congresso deve ser exposta e discutida sob o ponto de vista didactico.

O sr. Ernesto da Silva participou quo o socio sr. Joaquim da Conceição Gomes publicára em setembro ultimo a traducção de uma memoria, sobre a antiga Nabancia, que fôra escripta em francez pelo nosso fallecido presidente Possidonio da Silva.

O sr. Cavalleiro e Sousa leu uma breve memoria sobre thermas romanas em Alemquer, das quaes ainda restam vestigios.

O sr. Presidente pediu ao sr. Cavalleiro e Sousa que enviasse para a mesa esta sua memoria a fim de ser publicada no *Boletim*.

O sr. Cavalleiro e Sousa declarou que a este respeito já apresentou em tempo um trabalho que deve existir na Bibliotheca da Associação.

O sr. Carvalheira referiu numerosos actos de vandalismo que teve ensejo de presenciar na digressão em que ha tres mesces andou pela provincia do Minho. Ahí se encontram notabilissimos monumentos artisticos, principalmente de architectura do seculo, 12.º, conservados, porém, de tal modo que lhe causou verdadeira indignação e pungente magua. Passando de Arcos de Val de Vez para Ponte de Lima, viu em S. Salvador de Bravães uma egreja de estylo romano bysantino com um portico de delicados labores, que difficilmente se lhe reconhecem, não porque o tempo os destruisse, mas porque estão vandalicamente cobertos de empastamentos de cal. Entre outros monumentos em que a incuria, a ignorancia e a rapacidade tem produzido os seus naturaes effeitos, citou ainda S. Pedro de Rates, Leça do Bailio, S. João Baptista de Villa do Conde, a egreja de Santa Luzia em Trancoso, etc. Pergunta o que fazem as corporações officiaes, a quem é incumbido velar pela conservação de todos os monumentos que pela sua construção ou pelas tradições que representam lhes deviam merecer toda a solicitude e attenção? Porque deixam que se considere perfeitamente nulla a sua existencia em face de tantos attentados contra venerandas preciosidades artisticas que possuímos?

E' urgente que a nossa Associação prosiga nos esforços que energicamente encetou o seu incansavel presidente Possidonio da Silva, ao qual se deve uma insistente propaganda em favor da conservação dos principaes monumentos do Paiz.

Tradições como as d'esta Associação não devem perder-se. E' indispensavel não abrir mão d'este assumpto e empenharmo-nos em salvar do desleixo e da incuria o que ainda nos resta de bom nos dominios da arte e da historia.

O sr. Bermudes, apertando a mão ao sr. Carvalheira, felicitou-o calorosamente pelas patrioticas palavras que acabava de proferir.

O sr. Presidente pediu ao sr. Carvalheira que reduzisse a proposta ás reflexões que fizera a fim de poder servir de base de discussão.

O sr. Carvalheira manifestou o seu assentimento a este pedido.

Ainda o sr. Presidente declarou que não estavam perfeitamente no caso de dirigir censuras a quaesquer entidades, por isso que tambem podiamos ser censurados, por exemplo, em razão de não termos o nosso Museu methodicamente organizado, o que, aliás, era devido á bem conhecida falta de recursos com que luta o nosso cofre para satisfazer os encargos ordinarios.

O sr. Carvalheira disse que lhe parecia não haver difficuldade em alcançar da repartição competente que fossem mandados para o Museu alguns operarios e trabalhadores; bastariam seis ou oito para procederem á melhor collocação de objectos existentes no Museu e cuja arrumação é mais custosa pelo seu peso e dimensões.

Não havendo mais de que tratar, o sr. Presidente encerrou a sessão, aprazando a seguinte para domingo 31 do corrente.

Eram tres e meia horas da tarde.

Para constar lavrei a presente que subscrevo.

Eduardo A. da Rocha Dias.

Sessão da Assembléa Geral em 31 de outubro de 1897.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Valentim José Corrêa. — Secretarios, Rocha Dias e o Ex.^{mo} Sr. Silva Leal. — Abertura á hora e meia da tarde.

Compareceram, alem da mesa, os Ex.^{mos} Srs. Liberato Telles, Cavalleiro e Sousa, Alvaro Machado, Rosendo Carvalheira, Guilherme de Sousa, Jesuino Ganhado e dr. Sousa Viterbo.

O sr. Presidente justificou a ausencia do sr. Conde de S. Januario e felicitou-se por estarem presentes os novos socios srs. Liberato Telles e Alvaro Machado.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 24 do corrente, resolvendo-se, sob proposta dos srs. Silva

Leal e Rosendo Carvalheira, que a mesma acta fosse impressa no *Boletim* da Associação.

Leu-se na mesa um telegramma do Sr. Adães Bermudes participando que estava em visita aos monumentos de Santarem arruinados e vandalizados como os do resto do paiz, e que votava a proposta do sr. Carvalheira para se estabelecer uma cruzada a favor dos monumentos nacionaes.

Do Sr. José Pinto da Silva Ventura recebeu-se agradecimento pela sua eleição para socio correspondente.

O bibliothecario do Museu Teyler, em Harlem, dirigiu á nossa Associação uma consulta relativamente a alguns moveis, de que enviou duas photographias, e que no Kensington Museu, de Londres, no Museu d'Oxford, etc., estão classificados como trabalho indo-portuguez.

Foi resolvido accusar a recepção d'este officio, dizendo que se ia tratar de colligir os elementos precisos para responder á consulta que n'elle era feita.

Sob proposta do sr. Cavalleiro e Sousa approvou-se a idéa de nomear uma commissão para estudar este assumpto, devendo tal commissão ser composta, dos srs. Gabriel Pereira, Sousa Viterbo, e Rosendo Carvalheira, que pediu escusa, indicando comtudo a maneira de proceder a indagações que habilitam a associação a dar uma resposta cabal.

O sr. Cavalleiro e Sousa insistiu em que fosse nomeado o sr. Carvalheira.

O sr. Presidente, acompanhando estas instancias, propoz, e a Assembléa, approvou que a referida commissão fosse de cinco membros, os srs. Gabriel Pereira, dr. Sousa Viterbo, dr. Leite de Vasconcelos, Guilherme de Sousa e Rosendo Carvalheira.

Estes dois ultimos cavalleiros declararam que, em vista da vontade soberana da Assembléa, e não por que se julgassem habilitados ou competentes, acceitavam a missão que lhes era imcumbida.

O sr. Conde de Marsy, director da Sociedade Franceza de Archeologia para a conservação dos monumentos historicos, agradeceu o exemplar, que se lhe offerecera, do *Elogio historico* de Possidonio da Silva, recordando não só as relações que com elle teve, mas os bons serviços que a conservação dos monumentos de Portugal lhe deve, e pedindo que, pelo facto da dolorosa perda do nosso saudossimo Presidente, não fique interrompida a correspondencia entre esta Associação e aquelle benemerito Instituto.

O sr. Liberato Telles agradeceu o ter sido nomeado socio effectivo.

O sr. Presidente disse que muito havia a esperar do auxilio de tão digno socio.

O sr. Silva Leal apresentou as seguintes considerações e proposta, fazendo as depois por escripto:

«O nosso paiz se fertil era em conventos e egrejas, onde se notavam, e n'algumas ainda se admiram, bellezas architectonicas, não menos grande é no de casas solarengas com especialidade na formosa provincia do Minho e que são adornadas de brazões que attestam altos feitos praticados pelos fundadores d'aquelles solares, por serviços prestados á patria. O fisco, porém, que nada respeita, entendeu na sua *alta sabedoria* que, embora as casas livessem sido solares da antiga nobreza, toda a vez que não pertencessem já aos descendentes das familias que os edificaram por havel-os vendido, deveriam os novos proprietarios ser obrigados ao pagamento da decima por um brazão que não lhes respeita e não lhes interessa! Resulta d'ahi que os proprietarios mandam picar os brazões a fim de não serem obrigados a pagar a contribuição, que, como se vê, se não baseia em dados serios. — O brazão é uma pagina historica digna do mais serio respeito, além de ser tambem um adorno e por conseguinte fazendo parte integrante do edificio. Destruil-o ou mutilal-o é commetter simplesmente um vandalismo, para o que não ha nenhuma attenuante. — Por isso é forçoso que o fisco não se desvie dos tramites marcados pela civilisação para não commetter actos de selvageria. Ora, como a nossa associação resolveu — e honra lhe seja — entrar em plena actividade, reclamando dos poderes publicos a conservação de tudo quanto seja de valor historico, e por consequencia que diga respeito aos estudos archeologicos e architectonicos do paiz, tenho a honra de fazer a seguinte

Proposta

1.º Proponho que a Real Associação dos Architectos Civis e Archeologos Portuguezes procure por todos os meios ao seu alcance obter, do governo, para que se conservem todos os brazões em edificios que não estejam na posse dos seus primitivos donos, livrando os assim das mutilações causadas pelo fisco;

2.º Para que esta associação exponha ao governo de Sua Magestade para que seja modificado o decreto de 8 de setembro de 1887 na parte que diz respeito a este assumpto. (a) *Sebastião da Silva Leal.*»

O sr. Liberato Telles, declarando que estava encarregado da direcção de umas reparações na igreja de S. Paulo em Alma la, perguntou se devia conservar-se como reliquia uma tela de Bento Coelho, muito deteriorada, que existe no tecto d'aquella igreja, ou sujeital-a a uma restauração de resultado duvidoso. Mandou para a mesa uma proposta n'este sentido.

O sr. Carneiro considera interessantissimas as

duas questões a que se referiram os sr. Silva Leal e Liberato Telles. Faz diferentes observações mostrando até que ponto é mal cabida a accção do fisco relativamente aos brazões e entende que deve dirigir-se uma representação ao governo para evitar que esses monumentos continuem a ser destruidos. Affirma a opinião de que lhe parece muito preferivel guardar cautelosamente os restos da tela de Bento Coelho a ter de sujeital-a a uma restauração. Ainda assim, entende que esta poderia fazer-se, quando houvesse a certeza de encontrar pessoa idonea que a seu cargo tomasse a execução de semelhante trabalho.

O sr. Jesuino Ganhado, reconhecendo igualmente a importancia dos dois assumptos de que trataram os oradores que o precederam, é de opinião que elles devem ser discutidos em sessão especial.

Assim se resolveu.

O sr. Liberato Telles pediu ao sr. presidente que consentisse em que, na sua ausencia, ficasse o sr. Carneiro encarregado de o representar como auctor da proposta que fizera.

Tanto o sr. Presidente como o sr. Carneiro se prestaram da melhor vontade a annuir ao desejo do sr. Liberato Telles.

Entrando-se na ordem do dia, o mesmo sr. Carneiro leu a proposta que na sessão antecedente fôra pelo sr. Presidente convidado a redigir e apresentar

Esse documento, em que o seu illustrado auctor expõe com phrase eloquente e largo desenvolvimento as suas idéas sobre a questão da conservação dos monumentos nacionaes, conclue pedindo:

1.º Que a Associação, por todos os meios ao seu alcance, determine uma forte corrente de opinião em favor da patriótica idéa de salvaguardar os monumentos nacionaes dos vandalismos e das intempéries de toda a especie a que estão sujeitos;

2.º Que aliste na sua cruzada todas as corporações identicas e ás quaes mais directamente possa interessar o assumpto, para que prestem o seu auxilio, com o seu conselho e com o seu esforço, a fim de mais efficazmente se realisar este plano.

Esta proposta foi ouvida com toda a attenção e geraes demonstrações de applauso.

Continuando, o sr. Carneiro propoz que se registasse na acta d'esta sessão um voto de congratulação e louvores ao reverendo Bispo de Bragança pela recente publicação da sua notavel pastoral, e que o *Diario de Noticias* tambem publicou, relativa á conservação de monumentos historicos, dando-se d'esta resolução conhecimento ao illustre Prelado.

Foi aprovado unanimemente.

Disse mais o sr. Carneiro que era urgente

reclamar do governo algumas reparações no edificio historico onde está o nosso museu, por isso que as aguas da chuva cáem já n'alguns sitios das capellas, como se estava vendo, e tambem se torna indispensavel proceder a uma collocação mais methodica dos objectos expostos, o que não se pôde effectuar sem que sejam, como disse na anterior sessão, concedidos pelo ministerio das obras publicas alguns operarios que façam as precisas remoções.

O sr. Jesuino Ganhado adduziu tambem algumas reflexões sobre a necessidade de organizar melhor o nosso Museu e fazer obras nos terraços.

Afinal ficou resolvido que a Mesa, incluindo o sr. Carvalheira, Vice secretario, procurasse o sr. Conde de S. Januario para pedir a S. Ex.^a que expozesse perante o Governo as reclamações e os pedidos que n'esta sessão foram apresentados com referencia ao Monumento do Carmo e ao Museu da nossa Associação.

Sobre a proposta relativa á propaganda em favor dos monumentos artisticos e historicos do paiz, foram expendidos diversos alvitres e citados alguns nomes de corporações da capital e das provincias, ás quaes devemos solicitar apoio e coadjuvação.

O sr. dr. Sousa Viterbo propoz que se formulasse o esboço de uma representação ou circular a essas corporações para ser discutido na sessão proxima.

O sr. Carvalheira propoz que o sr. dr. Sousa Viterbo, muito distincto pelos seus dotes litterarios e pelo seu profundo conhecimento do assumpto, fosse nomeado para elaborar esse projecto de representação.

O sr. dr. Sousa Viterbo motivou a escusa da acceitação d'este encargo.

Resolveu-se por ultimo que o sr. Carvalheira redigisse a projectada representação e que fosse esta a ordem do dia para domingo 7 de novembro.

Eram mais de quatro horas da tarde quando se encerrou a sessão.

Para constar lavrei a presente que subscrevo.

Eduardo Augusto da Rocha Dias

Sessão da Assembléa Geral em 7 de Novembro de 1897.

Presidencia do Ex.^{mo} Sr. Conde de S. Januario. — Secretario, Rocha Dias. — Abertura á hora e meia da tarde.

Compareceram, alem da Mesa, os Ex.^{nos} Srs. Valentim Corrêa, Dr. Sousa Viterbo, Guilherme de

Sousa, Ernesto da Silva, Rosendo Carvalheira, Cavalleiro e Sousa, Silva Leal, Alvaro Machado e Francisco Parente.

Foi lida e approvada a acta da sessão de 31 de Outubro ultimo.

Um officio da camara municipal de Elvas agradecendo os n.^{os} 1 a 8 do tomo VII, 3.^a série, do *Boletim* da nossa Associação, e pedindo os tomos I a VI do mesmo *Boletim*.

Como, estes seis tomos foram impressos por conta do nosso fallecido Presidente Possidonio da Silva, resolveu se não responder ao officio antes de saber a resolução da sua Ex.^{ma} Familia a tal respeito.

O Sub-Secretario de Minas e Agricultura da Australia accusou a recepção de um exemplar do Elogio historico de Possidonio da Silva, offerecido ao Museu Archeologico e de Minas de Sydney, N. S. Wales.

A Universidade da California enviou tres exemplares do *Prospectus for the Phebe Hearst Architectural Plan of the University of California* em que annuncia a proxima abertura de um concurso internacional de architectos para a organização de projectos de um edificio monumental com accommodações para cinco mil alumnos, que deve ser construido em Berkeley (California) destinado á installação da mesma Universidade.

O programma d'este concurso, que, se realisa a expensas de M.^{me} Phébé A. Hearst, viuva do fallecido senador federal George Hearst, foi elaborado por Mr. Guadet, professor na Escola de Bellas-Artes de França.

Mandou-se accusar a recepção dos 3 prospectos e participar que daremos publicidade no nosso *Boletim* ao programma do concurso, logo que elle seja recebido.

Foi approvado unanimemente para socio effectivo o Ex.^{mo} Sr. Abel Accacio d'Almeida Botelho, distincto escriptor e major do corpo d'estado maior.

O sr. Carvalheira tornou a ler a seguinte proposta já approvada na sessão anterior e muito resumidamente indicada na respectiva acta:

«Compenetrado de que um povo desprovido d'amor e respeito pelas tradições historicas e artisticas do seu passado glorioso, não tem direito ao respeito e consideração dos mais povos onde essas tradições attingem a culminancia de um verdadeiro culto patriotico;

Ponderando que, se os vestigios ou padroes monumentaes de um passado glorioso e fulgido constituem o natural desvanecimento de um povo, tambem o forçam por isso mesmo a cuidar com desvelado amor na guarda e conservação d'esses padroes, defendendo-os tanto quanto possivel da acção destruidora do tempo e dos ataques mil

vezes mais destruidores, criminosos e barbaros dos homens ;

Compenetrado ainda de que tudo quanto por iniciativa official ou particular se tem feito com a intenção benemerita de defender das multiplizes acções destruidoras os nossos thesouros de tradição e arte, não tem obedecido a uma orientação methodica e conscienciosa baseada sobre os bons principios de restauração aconselhados pelo maior artista e pensador d'este seculo, Violet-le-Duc ; e

Convencido de que o processo tumultuario com que entre nós essas pseudo-restaurações tem sido feitas são na maioria dos casos antes a perpetração de vandalismos maiores addicionados aos já existentes do que a correcção dos que a ignorancia e por vezes a malvadez estúpida e barbara perpetrou ; e

Sendo certo que em todo o mundo civilisado a conservação e guarda dos monumentos attingiu nos ultimos tempos a importancia e verdadeiro alcance de uma benemerita e calorosa cruzada patriótica a que se attribuem foros de dignidade e brio nacional ;

Convencido ainda da inanidade dos esforços das corporações a que os governos tem confiado a tarefa da guarda e conservação das nossas reliquias monumentaes, inaniidade comprovada pelo cruel abandono a que continuam votados os mais apreciaveis exemplares d'arte e tradições que possuímos ; e

Desejando que d'uma vez para sempre se ponha cobro por todos os meios ao nosso alcance a este vergonhoso e deprimente desmazêlo, a esta criminosa incuria, que tão justificadas e energicas censuras nos tem rendido de grande numero de estrangeiros illustres que, ao visitarem os nossos monumentos e ao constatarem os barbarismos e desleixo de que tem sido victimas pela tacita cumplicidade criminosa de todos nós, nos classificam de barbaros do occidente ; e

Conscio de que esta Associação, a pesar da completa desprotecção e do proposital e talvez acintoso indifferntismo a que tem sido votada pelas estações officiaes, lhe cumpre velar pela conservação dos padrões monumentaes que devem constituir todo o nosso orgulho de grande povo que fomos ;

Tenho a honra de propor o seguinte :

1.º Que por todos os meios ao seu alcance esta Associação promova uma corrente efficaz de protecção a todos os monumentos nacionaes ;

2.º Que para que essa corrente se torne energica e se generalise, se promova uma grande representação collectiva de todas as sociedades scientificas do paiz, d'aquellas que mais directamente se correlacionam com este importantissimo assumpto, de forma a que todos os esforços combinados se traduzam n'um fim praticamente util, que tenha

por orientação remover d'uma vez para sempre todos os obstaculos até ao completo triumpho d'esta cruzada santa de respeito pelos nossos gloriosos padrões. (a) *Rosendo Carvalheira*.

Depois da leitura d'esta proposta, o mesmo sr. Carvalheira passou a ler o projecto de circular da Associação a todas as corporações e entidades que possam interessar-se na conservação dos monumentos nacionaes.

O sr. Presidente, mostrando-se perfeitamente de accordo com a idéa de se conservarem os monumentos artisticos e archeologicos, entende que esta Associação deve collaborar para esse fim com a comissão dos monumentos nacionaes e não proceder de forma que possa dar motivo a que alguém pense que se pretende melindrar essa comissão.

O sr. Rosendo Carvalheira julga que a comissão dos monumentos nacionaes daria melhores resultados, se a sua organização fosse diversa do que é actualmente ; e prefere que a iniciativa da nossa Associação se exerça independente da mesma comissão, onde, aliás, se encontram intelligencias muito distinctas.

O sr. Presidente dá o seu voto ao projecto do sr. Carvalheira e observa que esta Associação o que tem a fazer é prestar ao governo a maior somma de elementos, para que elle possa providenciar convenientemente sobre vigilancia e guarda dos monumentos, sua conservação e restauração ; mas, embora se diga na circular que o nosso esforço é isolado da Comissão dos monumentos, não deve o nome d'esta Comissão deixar de ser allí mencionado com toda a deferencia que nos merece.

O sr. dr. Sousa Viterbo ponderou que na sessão passada, entre outras indicações que fizera, quando se tratou dos termos em que poderia ser redigida a circular, fôra já de opinião que se procurasse por todos os meios não susceptibilisar qualquer outra collectividade. Apreciando com elogio o estylo brilhante do sr. Carvalheira quer fallando, quer escrevendo, pede licença para não concordar com algumas idéas expendidas na circular e cita varias phrases que deseja ver modificadas. Entende que, depois de colligidos os pareceres das differentes aggremações a que nos dirigirmos, deve a nossa Associação fundil-os todos no cadinho da sua critica e apresentar ao governo a conclusão a que se tiver chegado.

Sobre restauração de edificios monumentaes apresenta eruditas e eloquentes reflexões, emitindo a opinião de que só em casos excepcionalissimos deve ser feita ; julga de alta conveniencia em materia de arte e historia conserval-os o melhor possivel, sem os alterar em cousa alguma. A muitas restaurações de monumentos, mesmo áquellas que foram executadas por artistas da pujança de Violet-

le-Duc faltam o verdadeiro character e o sentimento da epocha, a nitida comprehensão do plano de quem delineou esses monumentos.

O sr. Carvalheira deu explicação do motivo por que empregára na circular as expressões mencionadas pelo sr. dr. Sousa Viterbo, declarando por fim que não tinha duvida nenhuma em se conformar com as indicações feitas durante a discussão, visto que em nada alteravam a idéa fundamental do seu trabalho. Fez considerações sobre a conservação dos monumentos e mostrou-se apologistas da sua restauração quando seja realisada segundo todos os preceitos technicos e com perfeito conhecimento das epochas a que esses monumentos pertençam.

O sr. Guilherme de Sousa congratulou-se com a fôrma brilhantissima por que foi empreendida a campanha suscitada pelo sr. Carvalheira em favor dos monumentos do paiz; propoz que a Associação dirigisse tambem uma circular a todos ou quasi todos os jornaes portuguezes solicitando a sua coadjuvação para tornarem bem publicas as resoluções que se tomarem sobre a questão sujeita, e para recolherem quaesquer alvitres que pelos seus leitores sejam apontados; por ultimo, leu a minuta da referida circular.

A Assembléa approvou unanimemente a proposta do sr. Guilherme de Sousa e nomeou este cavalheiro e os srs. Dr. Sousa Viterbo e Rosendo Carvalheira para comporem a commissão encarregada de redigir definitivamente as duas circulares assim como de fazer a relação das corporações, entidades e órgãos da imprensa periodica a quem devem ser remettidas.

Mais se resolveu que essas circulares fossem impressas com as assignaturas da mesa da Associação (presidente, vice-presidentes, secretarios e vice-secretarios) e lidas na primeira reunião da assembléa geral antes de principiarem a ser remettidas ao seu destino.

O sr. Carvalheira, desempenhando-se da missão que lhe fôra incumbida pelo sr. Presidente, quando com o sr. Valentim Corrêa procurára S. Ex.^a, em cumprimento da deliberação da assembléa geral, leu um projecto de representação ao governo pedindo-lhe alguns reparos e melhoramentos no edificio e no museu da nossa Associação.

Foi aprovado unanimemente.

O sr. Presidente disse que, attendendo á diminuta despesa em que as obras pedidas devem importar, lhe parecia que esta representação obteria o desejado deferimento; logo que estivesse copiada, assignal-a-hia e seria portador d'ella junto do respectivo ministro.

Em continuação, notou o sr. Presidente a grande falta que se dá nos objectos d'este Museu; não tem, como era preciso que tivessem para elucida-

ção dos visitantes, um cartão ou folha de zinco em que se designe por extracto o que representa cada um d'elles.

Lembrou a conveniencia de se fazer este trabalho antes da celebração do proximo centenario e que poderia ser incumbido a uma commissão ou a algum dos socios que podessem mais facilmente desempenhal-o.

O sr. Valentim Corrêa offereceu-se para fallar a este respeito com o sr. dr. Leite de Vasconcellos, que é actualmente um dos conservadores do museu, esperando que S. Ex.^a não duvidará prestar esse bom serviço á nossa Associação.

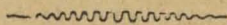
O sr. dr. Sousa Viterbo propoz que se exarasse na acta d'esta sessão que a assembléa tinha ficado muito agradavelmente impressionada pela maneira como o sr. Rosendo Carvalheira redigira os documentos de que fizera leitura e cuja elaboração lhe fôra confiada.

Esta proposta foi calorosamente approvada.

O sr. Presidente encerrou a sessão, designando a seguinte para domingo 28 do corrente.

E eu Eduardo Augusto da Rocha Dias, segundo secretario servindo de primeiro, lavrei a presente acta.

Eduardo A. da Rocha Dias.



D. FRANCISCO GOMES DO AVELLAR

BISPO DO ALGARVE

No numero 10 do *Boletim* faz-se menção de alguns actos da vida d'este virtuoso e illustradissimo prelado, lustre da egreja luzitana, astro fulgentissimo que irradia immensa luz, a qual de varias formas, se projecta, fazendo desaparecer as trevas do erro e da ignorancia.

Elle e os seus dignos irmãos no episcopado e contemporaneos, D. Fr. Manuel do Cenaculo e D. Fr. Caetano Brandão, formam uma trindade abençoada e viva, fazendo milagres no ensinamento, com a palavra e com o exemplo, das verdades do evangelho, e, como espiritos bem formados conhecendo quanto cuidado lhes deviam merecer as necessidades temporaes, as proviam de remedios efficacissimos.

Com prelados assim, se elles abundassem, como era mister, se fortaleceria a igreja; pois as suas virtudes iriam levar ao coração frio e indifferente o amor da familia, da patria e da humanidade, fonte de todos os heroismos.

Os limites do *Boletim* não comportam uma larga noticia das immensas e variadas obras meritorias d'este venerando prelado.

Apenas apontarei dois factos que revelam perfeitamente a sua virtude e que põem a toda a luz a tempera d'aquelle apostolo do bem, que reagia contra tudo que não fosse conducente á pratica das virtudes civicas e moraes.

Não o abalava do seu proposito a grandeza das pessoas, que lhe impunham o contrario do que elle achasse justo.

Participaram-lhe, antes de entrar na posse do bispado, que a rainha D. Maria I, que o havia nomeado bispo, pretendia impetrar do romano pontifice um breve para impôr ao seu bispado uma pensão de dois contos de réis, a favor do tribunal da inquisição; elle resolveu logo não consentir em tal e partiu immediatamente para Salvaterra, onde estava a rainha e ali não attendeu ás instancias d'ella.

Dizia o digno bispo que por maior que fosse o rendimento do seu bispado nunca sobejaria para socorrer os pobres e reparar as egrejas e que eram estas as devidas applicações das rendas dos bispados.

A' sua nobre e digna opinião se deveu não ir por diante a imposição da soberana, dizendo que mais facil seria não acceitar o baculo pastoral do que consentir em tal.

Este prelado em 1808, depois de libertado o Algarve dos francezes, foi presidente da junta instalada em Faro, governando com um poder quasi supremo.

Depois foi nomeado commandante das armas do Algarve o inglez João Austin.

A 15 de dezembro de 1816 falleceu D. Francisco do Avellar, sendo a sua morte lamentada por todos que n'elle perdiam um bemfeitor.

O coronel inglez Austin, que estava em Tavira, quando teve noticia da sua morte, partiu logo para Faro a despedir-se, dizia, do seu amigo e general; porém á sua chegada, já o cadaver tinha sido sepultado.

Levantou-se a campá do carneiro, onde desceu o inglez e ali contemplou, mudamente, o cadaver, saindo debulhado em lagrimas.

«Tanta força faz, até em animos estranhos a saudade que deixa apoz sua gloriosa carreira o varão eminente e justo».

José Pinto da Silva Ventura

BIBLIOTHECA NACIONAL DE LISBOA

Livros de numismatica

(Continuação do n.º 11)

516. — 1.º Dissert. trilinguis. de Aurelio Sulpicio ant. num. 1757.

2.º *Vànder Chijs*. Het Mant-en Genn kabinet. Leide, 1867. (Portugal a pag. 55.)

3.º *Jacob*. Notice sur la rareté des medailles antiques. Paris, 1828.

4.º *Melanges de numismatique et d'histoire*. VII suite.

517. — 1.º *Hommelius* (C. F.) Jurisprudentia num. imag. illustrata. Lipsiae, 1763 (sigillis, gemmis aliisque picturis vetustis).

2.º *Idem*. Auctarium jurispr. numism. Lipsiae, 1765.

518. *Harduinus*. Opera varia. Num. saec. Theodosiani. Saec. Justiniani Ant. num. regum francorum.

519. a 521. *Augustinus* (Ant.) Famil. rom. Romae. 3 exemplares.

522. *Poinsinet de Sivry*. Nouvelles recherches sur la science des medailles. Maestricht, 1778.

523. *Riche*. Mon. med. et bijoux. Paris, 1889.

524. — 1.º Coll. num. da India portugueza de José Maria do Carmo Nazareth. Nova Goa, 1890.

2.º *Lavoix*. Monnaies á legendes arabes frappées en Syrie par les croisés. Paris, 1877.

3.º *Santarem* (2.º visconde de). Analyse hist. num. med. imp. Honorio. Falmouth.

4.º *Pereira Leite Netto*. Catalogo das moedas arabes do museu municipal portuense. Lisboa, 1882.

5.º *Stenersen*. Mynt fundet fra Graeslid, etc. Christiania, 1881.

6.º *Gnecchi*. Prontuario dei prezzi per le monete della repub. roman. Milano, 1891.

7.º Estatistica das moedas de ouro, prata, cobre e bronze cunhadas na casa da moeda de Lisboa, 1873.

525. — 1.º Coll. Portugaise. 1894. Venda em Amsterdam. Not. os cruzados de D. Henrique e D. Antonio.

- 2.º Catal. de coll. de moedas, etc do Bazar Catholico do Leiria, 1891.
- 3.º Catal. de moedas visigodas de L. J. Ferreira. Porto, 1890. Not. pref. de E. A. Allen Est. Bracara. Egilania.
- 4.º Catal. de monn. d'outre-mer, Amsterdam, 1896. Moed. port. para Africa, etc.
- 5.º *Netto*. Catal. moedas arabes.
- 6.º Catal. dos ponções, matrizes e cunhos de moeda da casa da moeda org. pelo gravador Casimiro José de Lima. Lisboa, 1873. Estampas.
526. — 1.º *Lemaire*. Procédés de fabrication des monnaies . . . depuis la renaissance. Bruxelles. 1892.
- 2.º *Pfeiffer*. Antike Munzbildes. Winterthur, 1895.
- 3.º *Hooftvan Iddekinge*. La plus ancienne monnaie des seigneurs de Coevorde.
- 4.º Idem. Monnaie d'un seigneur de Cume.
- 5.º *Longperier*. De l'anousvara dans la num. gauloise.
- 6.º *Iddekinge*. Groninger en Ommelander praesentie penningen. Groninger, 1870.
- 7.º *Xavier* (F. N.) Descrição do coqueiro... e moedas de Goa. Nova Goa, 1866. Off. pello a. Not.
528. — 1.º *Gerson da Cunha*. Contributions to the study of indo-portuguese numismatics. Bombay, 1880 a 1884. 4 fasc. Journal of the Bombay branch of the R. A. Soc.
- 2.º *Leite de Vasconcellos*. Numismatica nacional. Lição inaugural do curso de numismatica da Bibl. Nacional de Lisboa, no anno lectivo de 1888 — 89. Lisboa, 1888.
- 3.º Idem. Elencho das lições de numismatica. Lisboa, 1889 — 1894.
529. — 1.º *Marques Pereira*, Moeda de Siam. Lisboa, 1879
- 2.º *Lima*. (C. J. de). Duas palavras sobre a actual amoedação do bronze. Lisboa, 1883.
- 3.º Real casa da moeda de Lisboa, doc. Londres. 1838. Machinas, balancés, etc.
- 4.º *Azeredo Coutinho*. Apreciação do medalheiro da casa da moeda do Rio. Rio de Janeiro, 1862.
- 5.º *Zobel de Zangroniz* (Jacob). Spanischen Munzen mit bisher unerklarten Aufschriften. Leipzig, 1863. Est. not.
- 6.º *Barthélemy* (Anatole de) La Numismatique de 1859 à 1861. Paris, 1862.
- 7.º *Curtius* Über den religiosen Charakter der griechischen Munzen. 1869.
- 8.º Numismatic chronicle and Journal of the numismatic society (London, 1864, março) Moedas das Ptolomens, chinezas, anglo-saxonicas, etc.
530. *Prou* (M.) Monnaies carolingiennes. Paris, 1896.
531. *Carew Hazlitt*. Coin collector. London, 1896.
532. *Heiss* (Aloiss) Description générale des monnaies antiques de l'Espagne. Paris 1870. Grav.
533. *Stevenson*. Dictionary of roman coins. London, 1889. Começado por Stevenson, continuado por Smith e acabado por Madden.
- 534 e 535. *Boutkowski — Glinka*. Petit Mionnet de poche. Berlin, 1889.
536. *Babelon*. Des origines de la monnaie. Paris, 1897.
537. *Evans*. Coins of the ancient Britons. London, 1864.
538. *Vaillant*. Numismata imperatorum, etc. Amstelaedami, 1700.
539. *Imhoof — Blumer und Otto Keller*. Tier und Pflanzenbilder auf Munzen und Gemmen. Leipzig, 1889. (Com excel. phototyp.)
- 540 e 541. *Santos Leitão* (A. J.) Coll. num. Med. e condec. portug. e estrang. refer. a Portugal. Porto, 1897. 2 ex.
542. *Blanchet*. Monnaies romaines. Paris, 1896.
543. *Rada y Delgado*. Bibliografia num. española. Madrid. 1896.
(Tambem bibliog. num. portuguesa).
- Mencionarei ainda a *Revue Numismatique* em 3 séries a datar de 1836, e em continuação.

G. P.

CORRESPONDENCIA

Ill.º e Ex.º Sr. — Confundido com a honríssima participação que V. Ex.º se dignou dar-me em seu venerando officio de 4 do mez corrente, ácerca da deliberação da assembléa geral da Real

Associação dos Architetos e Archeologos Portuguezes da digna presidencia de V. Ex.^a, a qual approvou e louvou a minha circular de 15 de outubro ultimo sobre *archeologia*, — tenho a honra de vir patentear a V. Ex.^a o meu profundo reconhecimento pela alta consideração e distincto acolhimento que foi dado ao meu humilde escripto.

Não tem elle outro merito senão lentar pôr um dique ao desamor com que tem sido tratadas as reliquias d'alguns monumentos historicos e artisticos d'esta Diocese, insinuando aos seus habitantes o seu valor e importancia, para que os não deixem destruir, prestando assim coadjuvação á Camara Municipal de Bragança. Quiz cumprir um dever.

Aos favores e atenções de V. Ex.^a e da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes correspondo com a minha eterna gratidão.

Deus Guarde a V. Ex.^a — Bragança, 9 de novembro de 1897. — Ill.^{me} e Ex.^{ma} Sr. Conde de S. Januario, Presidente da Real Associação dos Architectos e Archeologos Portuguezes.

(a) *José, Bispo de Bragança*

SOCIÉTÉ FRANÇAISE D'ARCHEOLOGIE

Pour la conservation des Monuments historiques.
— Reconnue comme Établissement d'utilité publique. — Compiègne, le 27 Août 1897.

Monsieur le Président. — Je m'empresse de vous adresser tous mes remerciements personnels ainsi que ceux du bureau de la société française d'archéologie pour l'envoi que vous avez bien voulu me faire de l'éloge du Ch.^{er} da Silva, prononcé par Mr. Julio de Castilho.

Le Ch.^{er} da Silva appartenait depuis de longues années à notre compagnie, qui lui avait décerné, il y a plus de quinze ans une de ses grandes médailles pour les services qu'il avait rendus à la conservation des monuments historiques en Portugal; il avait pris part à plusieurs de nos congrès et comptait de nombreux amis parmi nous.

Je n'oublierai pas sa dernière visite à Paris au moment du centenaire de l'Institut en 1895 et les adieux touchants qu'il nous fit en nous disant qu'il était trop âgé pour songer à revenir une fois encore en France.

Mr. da Silva avait été particulièrement bien veillant pour moi en plusieurs circonstances et je

tien à consacrer à son souvenir une partie du discours d'ouverture du congrès de Morlaix,

Permettez-moi d'espérer, Monsieur le Président, que la mort du fondateur de l'Association Royale des Architectes Civils et Archeologues de Portugal ne rompra pas les liens qui unissent votre compagnie à la société française d'archéologie, liens que je serais toujours heureux d'entretenir, soit par correspondance, soit si vous ou quelques uns de vos confrères venez en France.

Veuillez agréer, Monsieur le Président, l'hommage de mes sentiments de haute considération

Comte de Marsy

Directeur de la Société Française d'Archeologie, et Membre honoraire de l'Association Royale des Architectes Civils et Archeologues Portugais.

Compiègne, le 16 novembre 1897.

Monsieur le Comte de San Januario. — C'est avec grand plaisir que j'ai reçu la lettre que vous m'avez fait l'honneur de m'écrire le 5 de ce mois.

La Société française d'Archeologie sera toujours heureuse de continuer les relations qui l'unissent à l'Association Royale des Architectes Civils et Archeologues Portugais que vous présidez et, afin de rendre ces liens plus étroits, je proposerai au Comité permanent, dans sa prochaine séance mensuelle d'inscrire votre nom sur la liste de ses membres étrangers à la place de celui de votre regretté prédécesseur le Ch.^{er} da Silva.

Je vois que l'on commence à s'occuper du centenaire de Vasco de Gama et je trouve ce matin dans les journaux de Paris les noms des membres qui composent le comité français qui doit s'associer à cette imposante manifestation destinée à rappeler un des faits les plus glorieux des annales du Portugal qui a eu une si grande influence sur le développement de la civilisation dans l'extrême Orient.

Plusieurs de mes amis figurent au nombre des commissaires et je me ferai un devoir de leur offrir mon concours et celui des membres de la société française d'Archéologie ainsique nous l'avons fait, lors de l'anniversaire de la découverte de l'Amérique et du Congrès d'Huelva en 1892.

Peut être pourrai-je profiter de cette circonstance pour aller à Lisbonne où je ne suis pas allé depuis 1883, et, comme, à cette époque, j'ai vu très rapi-

dement les monuments historiques si importants de votre beau pays, je serais heureux s'il m'était donné de leur consacrer cette fois le temps nécessaire pour les mieux étudier.

Veillez agréer Monsieur le Président et honoré Confrère, l'hommage de mes sentiments les plus dévoués

Comte de Marsy

Directeur de la Société française d'Archéologie,
Membre honoraire de l'Association Royale des Architectes Civils et Archeologues Portugais.

ARCHEOLOGIA

MEMORIA OFFERECIDA Á REAL ASSOCIAÇÃO DOS
ARCHITECTOS CIVIS E ARCHEOLOGOS PORTUGUEZES

Pelo socio

Augusto Eugenio de Freitas Cavalleiro e Sousa

I

Dissemos já algures, com perfeita convicção, que, os romanos, com terem sido um povo de muitos vícios, o foi também de grandes virtudes; nem podia negar-se-lhe uma civilização bastante avançada e até superior á de todos os povos contemporaneos, ainda os mais civilizados, taes os gregos, egypcios, persas, etc., etc., como facilmente se reconhece pela analyse comparada da mais rigorosa ethnographia, e é affirmado pelos numerosos documentos que nos legaram, e são causa da justa admiração dos tempos modernos.

Podemos agora a proposito, acrescentar, que as obras hydraulicas que aquelles deixaram por toda a parte onde dominaram como conquistadores, são outros tantos monumentos d'essa civilização, sem rival na antiguidade.

Longo seria enumerar as muitas construcções que fizeram, e de que ainda restam notaveis vestigios; o aqueducto de Sertorio, em Evora, por exemplo, é realmente admiravel, embora possamos apontar a contemporanea maravilha da Europa, de analogia utilidade, a estupenda fabrica conhecida por Arcos das Aguas Livres, devido a D. João V.

Nós tivemos sempre pelos romanos uma veneração muito aproximada da idolatria. Foram os opressores do mundo então conhecido, não ha duvida, mas em compensação deve-lhe esse mundo larga civilização. Não foi culpa d'elles, se impozeram costumes reprovados pelas ideias de hoje; a culpa foi da epocha em que dominaram.

II

Não era também sem fundamento que, em uma memoria archeologica, também offerecida a esta Associação, dissemos ser, perto de Alemquer, averiguada a existencia de um posto (*crasto*) romano, — posto, que memoria alguma citava, pelo menos de nós conhecida, não obstante essa existencia não ser ignorada na localidade, e posto que então empregassemos tal termo, não tivemos em mente designar precisamente o objecto que tal termo indica; isto é: fortaleza, mas o local de uma colonia militar, como eram as romanas

Perto de Alemquer, dissemos; e, com effeito, a uns dois kilometros, ao poente, existe hoje uma pequena povoação de trabalhadores denominada «Paredes» onde umas venerandas reliquias, de construcção romana, ainda se veem, attestando os restos de uma obra de seculos.

Será de taes ruinas (paredes bastante derrocadas), que veio o nome á povoação a que alludimos? E' possível. Em todo o caso as probabilidades, fundadas na tradição, a isso conduzem.

III

Mas que papel representaram outr'ora aquellas paredes? Qual foi a epocha em que o desempenhou?

Estas perguntas, que a nós mesmo fizemos por mais de uma vez, examinando-as, tiveram a final resposta. «*Labor improbus omnia vincit.*»

Depois do marco de Trajano existente proximo á quinta do Bravo, onde fora casualmente encontrado; depois dos delicados fragmentos de mosaico romano encontrados em um pavimento terreo de uma adega da mesma quinta; depois das sepulturas e moedas romanas que por ali se teem também perguntado, poder-se-ha duvidar da existencia da colonia a que alludimos?

E as *paredes*, pela sua fôrma e disposição, não indicará uma represa d'agoa destinada a abastecer a mesma colonia?

Os primeiros objectos, com excepção do mosaico, são tratados por Cardoso e Guilherme Henriques.

Do ultimo eis o resultado do exame a que procedemos, em companhia de um archeologo, Luiz Vermell, que teve a amabilidade de nos procurar, atraído por algumas correspondencias nossas nos jornaes, ácerca das antiguidades de Alemquer.

Concebam-se duas colinas, distanciadas uns 34^m na parte inferior do terreno, e quasi unindo-se na parte superior, como formando um triangulo, tendo por base uma grossa parede, que une aquellas colinas na referida parte inferior, de modo a formar

um receptaculo, cujo fundo se vai elevando com a disposiçao do terreno que lhes fica interiormente, isto é, entre aquellas duas colinas, que assim podiam formar um deposito para 2.000^m de agoa, proveniente das aguas pluvias vindas dos terrenos elevados contiguos, e para ali encaminhadas naturalmente pelo declive dos terrenos; concebese isto, e teremos a primeira ideia do objecto em questão.

Depois a parede mencionada de 2^m de grossura, aguentada por tres gigantes ou encontros, para melhor resistir á pressão das aguas depositadas, e ainda dois d'estes encontros, de uns 2 metros de largo, ligados entre si por outra parede paralela com aquella primeira, de 0^m,9 de grossura, e como que formando assim um outro deposito quadrangular de 5^m de altura; finalmente, dois estreitos viaductos que, vindos do interior do grande deposito, atravessavam os dois gigantes até meio da sua largura e para o interior do pequeno deposito, e quasi na altura de 4^m,5, e ainda a parte inferior da parede livre, do primeiro deposito, com uma abertura e indicios de uma porta ou corrediça, que permittia a saída das aguas sujas ali contidas, ou evitar essa saída quando conviesse; e teremos a segunda ideia d'aquelle objecto.

Por tanto um duplo receptaculo para agoa, que d'ali se ministraria para irrigação e outros usos, vindo ter a um tanque de tijolos, de que encontramos vestígios, assim como de um canal que devia ligal-o ao deposito descripto,

Vejamose agora como as aguas pluvias eram recolhidas, e aproveitadas.

Dissemos que vinham dos terrenos superiores, e por tanto, trazendo detritos d'esses terrenos; entravam no primeiro deposito, e ali se conservavam até attingirem a altura dos viaductos, depois saiam para o segundo deposito, previamente precipitadas no fundo, todas as materias estranhas.

Era assim do segundo deposito, que já clarificadas, se aproveitavam, dando saída a estas pelo canal citado, e do primeiro, inutilisadas pelos detritos, pela corrediça, e iam perder-se n'um ri-gueiro proximo.

IV

Deposito, portanto de aguas pluvias, vê-se ter sido obra de singella mas solida construcção, em harmonia com os conhecimentos hydraulicos da epoca, em todo o caso engenhosa, porque, disposta para receber aguas sujas no primeiro receptaculo, d'aqui, pelo peso especifico d'ellas, n'aquelle estado, as superiores, já depuradas, eram dirigidas para o segundo receptaculo.

Quanto á solidez, desnecessario é dizer que é

obra romana, sem ser preciso profundar muito os restos venerandos d'ella.

Não é facil assignar uma epoca a essa obra; mas uma conjectura artificiosa, mas rasoavel, poderá talvez ligal-a á do marco de que fallamos, isto é, do anno em que Adriano foi a terceira vez consul, e *reconstruiu* — alguma coisa que não explica, — segundo se lê n'aquelle marco.

Ora o terceiro consulado de Adriano começou no anno 872 (era de Cesar), mas isto não nos habilita a marcar um anno exacto?

Seria durante as suas viagens pelas provincias do seu vasto imperio, e que tiveram logar desde 873 a 874?

Seja como for, a obra ali se patenteia em suas preciosas reliquias, que podem bem servir de lição do passado; uma pedra de toque por onde se afira a existencia dos vencedores do então mundo conhecido, não menos digna de ser estudada que a sua existencia politica e moral.

V

Eis a legenda do marco de Adriano (a)

IMP. CÆS.
DIVI. TRAJANI. PATHICI F. DI
VI. NERVÆ. NEPOS TRAJA. IVVS.
HADRIANVS. AVG. POT. MAX. N
TRIB. POT. XVIII. COS. III. P. P.
REFECIT

Publio Aelio Adriano, XIV imperador dos romanos, filho adoptivo de Trajano, successor de Nerva, é pois o heroe a que allude; e foi por ventura durante as suas viagens que se daria a *reconstrucção*, alludida na legenda? Nomeado consul a terceira vez em 872 (119 depois de J. C.) deu principio ás suas viagens em 873 (120), achando-se já em Roma em 874 (121).

Mas que *reconstrucção* foi essa? Não é facil dizel-o. Referir-se-ha ao deposito descripto, ou a um banho thermal, que podia ter havido na adega, onde além do mosaico, encontramos vestígios de pavimento, e outros indicios de edificio apropriavel áquelle ou outro destino?

Seja como for, a obra que tinha por fim representar as agoas, para serem convenientemente aproveitadas, lá está em ruinas, e estas afrontando os seculos, devido á solida construcção com que foi feita, e era costume entre os romanos; ruinas em

(a) Encontrado na quinta do Bravo, proximo á povoação de Paredes, foi pelo proprietario da mesma quinta, mandado collocar á beira da estrada.

fim, que foram a admiração do investigador, por serem uma lição do passado dos dominadores do então Mundo conhecido.

E terminando, diremos ainda que o nome Bravo pôde bem ter a sua origem em algum apellido de familia romana, e de que ainda hoje se encontram muitos na Italia.

A ser assim podemos rasoavelmente admittir que aquella antiga quinta e respectiva casa apalaçada, fosse primitivamente possuida por algum senhor romano, e mais uma razão para admitir n'essa casa uma *therma*, usual nas habitações ricas!

Alemquer, março de 1876.

MOSTEIRO DE SÃO SALVADOR DE GRIJÓ

(POR JOSÉ PINTO DA SILVA VENTURA)

(Continuação do n.º 10)

Mas como é natural aos homens amarem e terem affeição ao lugar onde se crearam, alguns conegos dos antigos do mosteiro de Grijó, reclamaram esta mudança e deixaram-se ficar no mesmo mosteiro, e tanto clamaram e souberam negociar que alcançaram do mesmo pontífice Pio V uma bulla de separação dos mosteiro antigo e novo de Villa Nova do Porto, passada no anno de 1566, em que mandou fossem dois mosteiros distinctos e se dividissem as rendas. Foi esta victoria mui festejada dos conegos antigos de Grijó, que se davam uns aos outros muitos parabens e vivas, dizendo: *Laetare Grijó, laetare Grijó*, e elegeram por seu primeiro prior ao padre D. Pedro do Salvador, filho do mesmo mosteiro, que depois foi quatro vezes Prior Geral da Congregação de Santa Cruz de Coimbra, e lançou a primeira pedra na igreja nova do mosteiro de Grijó, no anno de 1574 em 28 de junho, vespuras dos santos apostolos S. Pedro e S. Paulo.

Os parentes de fundadores de mosteiros e dos que lhes faziam doações costumavam ter n'elles rações ou comedorias; n'este de Grijó havia muitos, acontecendo não chegar o rendimento para todas as despesas, vendo-se por isso obrigado em 1365, o prior mór, D. Affonso Esteves, a pedir a el-rei D. Pedro I, que mandasse uma pessoa do seu serviço faser tombo de todas as rendas, foros, colheitas, censos e pensões que este mosteiro tinha e das suas despesas e que só fosse dado aos comedores o que remanescesse, repartindo-se proporcionalmente.

Houve grande difficuldade em aquietar os comedores com o que lhes ficou a dar o mosteiro, sendo preciso que el-rei D. Fernando, em 1367, mandasse a todas as justiças que defendessem o mosteiro d'estes senhores e lhes fizessem resfuir o que lhe tivessem tomado.

Foi Jurim ou Juro Geraldês, corregedor da comarca da Beira, que por ordem del-rei D. Pedro I fez o tombo, d'onde consta haver os seguintes comedores: «O conde D. João Affonso natural e tres filhos seus, D. Maria Telles, casada com Alvaro Dias de Sousa que tinha comedoria inteira e dois filhos seus do mesmo marido, João Affonso, o moço comedoria inteira, D. Leonor sua irmã, D. Alvaro Pires de Castro por força e carta del-rei, D. Martinho filho que foi de D. João Affonso de Albuquerque, Vasco Martins de Sousa, por graça del-rei, seu filho Martin Affonso e sua filha Beatriz Marques, D. Margarida de Souza e D. Brites sua filha casada com Henrique Manoel, tres filhos que ficaram de Martin Lourenço Couvinha, Lopo Dias de Sousa, D. Branca sua irmã D. Maria de Souza, casada com Ruy Vasques e do's filhos seus, Rodrigo Affonso de Souza e D. Violanta sua mulher, por carta del-rei, uma filha de Fernão Lopes, casada com Fernando Affonso de Mello, D. Aldonça, mulher de Martin Affonso Tello, irmão que foi do dito conde os quaes todos são vinte e oito e destes dezoito tinham comedorias inteiras e os dez o terço de uma.»

Estes eram ricos homens e os que seguem são infanções: Gonçalo Mendes de Vasconcellos e sua mulher, João Mendes seu irmão, Mor Mendes mulher que foi de João Coelho, o moço por parte dos Vasconcellos, um seu filho e uma filha Maria Mendes d'Eça, irmã de Gonçalo Mendes de Vasconcellos, Diogo Rodrigues de Vasconcellos, João Fernandes Lagominho por parte da mulher que era dos Vasconcellos, dois filhos seus, João Rodrigues filho que foi de Ruy Gomes pela parte do pae Diogo Gomes seu irmão, Maria Rodrigues sua irmã, Leonor Gomes de Vasconcellos, mulher que foi de Bartholomeu Almirante uma filha Genebra, João Lourenço Estela por parte da mulher que foi filha de Gonçalo Gomes, um filho seu e duas filhas, uma filha que foi de João da Cunha chamada Leonor Annes, casada com Fernão de Affonso Castro pela parte dos Vasconcellos, Fernão Mafaldo pela parte da mae, Constancia Esteves de Vasconcellos, Gonçalo Annes d'Abreu da Beira por parte da mulher que era irmã de Estevão Mafaldo e tres filhos e filhas suas Diogo Gomes d'Abreu pela parte da mãe, um seu filho, Vasco Gomes seu irmão Diogo Gonçalves de Castro pela parte da mulher que era filha de João Coelho, um seu filho, João Rodrigues de Portocarrero, pela parte dos Vasconcellos, dois filhos seus, cinco filhos de Gil Martins de Athaide, naturaes por parte da mãe que era morta, os quaes tinham comedorias inteiras, Gil Vasques de Rezen-de pela parte da mãe que era dos Ribeiros, quatro filhos seus, Vasco da Cunha por parte da mãe, Mecia Rodriguez que era dos Vasconcellos e dois

filhos; Vasco Leitão pela parte da mulher que foi filha de João Affonso Pimentel e um filho seu, dois filhos e duas filhas que foram do mesmo João Affonso Pimentel com comedorias inteiras, Gonçalo Paes de Meira pela parte dos Vasconcellos, tres filhos e duas filhas suas, Diogo Gonçalves de Siqueira, dous filhos e duas filhas suas, quatro filhas suas mais e dous filhos que não eram legitimos, Diogo Gonçalves, Vasco Gonçalves Barroso pela parte da mulher, Martin Fernandes da Teixeira e um filho seu, João Coelho o Velho, Maria Coelho sua filha que foi casada com João Pires de Souto-Maior e um filho e mais uma filha, Gonçalo Pires Alcoforado, Maria Ribeiro sua irmã, Fernão Coelho e cinco filhos, Soeiro Coelho, Thereza Rodrigues, filha de Ruy Vasques que casou com Gonçalo Mendes, Affonso Rodrigues de Goes e um filho, Sancha Martins sua irmã, Alvaró Pereira, Gonçalo Pereira, Ruy Pereira, Constança Rodrigues sua irmã, Alvaro Fernandes de Carvalho e quatro filhos e filhas, Martin Affonso Botelho e dous filhos João Lourenço Serneal e tres filhos e filhas e mais uma filha. São estes infanções cento e seis dos quaes cincoenta e um haviam de ter comedorias inteiras e os outros o terço.

Os cavalleiros e escudeiros que pelos mesmos annos tinham mais comedorias eram Lourenço Martin do Avelal filho que foi do mestre d'Aviz D. Martin do Avelal, sua irmã Lucrecia do Avelal, mulher de Nuno Martins de Goes, uma filha e um filho seu a saber Thereza Lourenço do Avelal e Gil Martins do Avelal, Gonçalo Annes do Valle, escudeiro, um filho seu chamado Gonçalo Gomes da Motta, escudeiro, Gonçalo Gil Alvello, Alvaro Gil, filho de Gil Viegas do Rego, cavalleiro, um filho e uma filha sua, Affonso Martins Moreira pela parte da mulher de Pedro Alvello, Rodrigo Annes de Fornos pela parte da mulher e uma filha, Fernão Machado, Leonor Paes, sua mulher Vasco Rodrigues, Meica Rodrigues, Fernão Gonçalves Machado pela parte de Meica Fernandes sua mulher, Gonçalo Fernandes, Lopo Dias do Rego pela parte de sua mulher, uma sua filha, João Fernão e duas filhas suas Fernão Martins, seu irmão, Biringela Domingues, sua mãe, Martin Annes Delcayo o moço, Soeiro Annes, Gonçalo Pires Siqueira e dous filhos seus bastardos, Gonçalo Peixoto, cavalleiro e um seu filho, Gil Esteves Daitias e uma sua filha, Rodrigo Annes de Sá, cavalleiro, sua mulher e duas filhas, João Rodrigues, seu filho da outra mulher, Fernão Pais da Maia, cavalleiro e uma sua filha, Gomes Pais seu irmão, Alvaro Pais seu irmão, Gonçalo Annes de Pinho e Lourenço Annes, seu irmão, Martin Lourenço seu filho, João Pires Avenzaes por parte de sua mulher e uma filha, Fernão de Leira, escudeiro e um filho, Gonçalo Garcia de Figueiredo, cavalleiro,

Ayres Gonçalves seu filho, Fernão Affonso de Guimere, Gonçalo da Costa, cavalleiro, Sancha Martins de Avelal, Lourenço Martins do Avelal o moço, Ruy Gonçalves de Chacim, dous filhos e uma neta, Nuno Gonçalves, Vasco Gonçalves, Diogo Gonçalves e Gil Gonçalves, filhos de Gonçalo Pires de Vilhalcalvas, Vasco Esteves, Pedro Esteves e Leonor Esteves, filhos de Estevão Martins dos Mendões, Vasco Gil, Diogo Gil, Antonia sua irmã, filha de Gil Martins de Farazan, Gonçalo Annes Borges, Estevão Dias, filho de Diogo Alvares da mãe dos Nogueiras, Senhorinha Annes por parte de sua irmã, Rodrigo Annes de Sá, mulher de Ayrias do Valle, Fernão d'Ayrias seu filho que são por todos sessenta e sete e d'estes tinham rações inteiras cincoenta e os demais meia e assim fazem uns e outros que neste mosteiro tiveram comedorias pelo dito anno de 1365 duzentos e oito.»

Os nomes destas pessoas, que tinham comedorias no mosteiro de Grijó, mostram que ellas pertenciam á mais alta nobreza do seu tempo o que claramente attesta ser este mosteiro muito considerado e respeitado.

Nos seus fastos historicos honra-se com terem sido alli conegos filhos das mais illustres familias e com terem vestido o habito da sua ordem muitos religiosos, que de alli saíram, para desempenhar altos cargos a que lhes davam jus o seu saber e as suas virtudes

Merecem um capitulo á parte.

(Continua)

José Pinto da Silva Ventura.

Noticias archeologicas extrahidas do «Portugal antigo e moderno» de Pinho Leal, com algumas notas e indicações, por E. R. Dias

(Continuação do n.º 10)

Campanham—freg. conc. de Gondomar.—Egreja matriz interiormente forrada de azulejos. — Palácio acastellado que pertenceu aos Tavoras e ao visconde de Freixo. — Vestigios de mineração romana e arabe.

Campo e Couto (annexas) — freg., conc. de Barcellos.— «E' tradição que a egreja matriz de S. Salvador do Campo foi convento de freiras bentas, e que estas morreram todas de medo por verem um bicho.»

Campo (S. Martinho do) — freg., conc. da Povoação de Lanhoso. Ruínas de uma torre romana, no lugar da Motta. — Inscriptões inéditas pelo sr. dr. Francisco Martins Sarmento (*Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Port.*, T. IV, pag. 59.)

Campo (S. Silvestre do) — freg., conc. de Coimbra. — Convento de S. Marcos, que foi de frades jeronymos.

Campo do Gerez ou S. João do Campo — freg., conc. de Terras do Bouro. — Ha aqui muitas

antiguidades: restos de construções romanas e marcos millarios com inscrições — *Notas archeologicas* pelo sr. dr. Santos Rocha, na *Revista de sciencias naturaes e soriaes* (Porto, 1893), vol. iv, n.º 13, 2.ª serie, n.º 3, pag. 23; *Corpus — Inscript. Hisp. Latin.*, vol. ii, pag. 338; *O Minho Pittoresco*, t. i, 471, 477; *Promenade au Gerez. Souvenir d'un géologue* par Mr. Paul Choffat (*Bolet. da Sociedade de Geographia de Lisboa*, 14.ª série, n.º 4).

Campo Maior — villa e concelho. — Castello do tempo dos mouros, mandado reparar por D. Diniz. As muralhas tem dez baluartes. — A igreja de N. S.ª da Expectação é toda de optimo granito e foi construida no sec. xviii. — Convento de frades franciscanos fund. primeiramente no sitio das Poças, em 1496; passou em 1646 para o castello e d'ahi para o actual sitio em 1708. — Convento de frades de S. João de Deus fund. em 1583 (?) em 1643 (?) para hospital militar, com donativos dos moradores da villa. — Misericórdia e hospital fund. no sec. xvi. — Teve albergaria fund. por João Vicente do Castello. — Torre do Mexia e da ermida de N. S.ª do Rosario. — *Archivo historico*, vol. i; *As cidades e as villas* por Vilhena Barbosa; *O pelourinho (Occidente)*, vol. i, pag. 33.; *Archeol. Portug.* iii, n.ºs 3 e 4, pag. 103.

Campo Pequeno, termo de Lisboa. — Padrão commemorativo das pazes que, a rogos da rainha Santa Izabel, fez o rei D. Diniz com seu filho o infante D. Alfonso D. inscrição do pedestal é em portuguez. — *Monumentos de Portugal historicos, artisticos e archeologicos* por Vilhena Barbosa; *Relat. e mappas ácerca dos edif. que devem ser classif. mon. nac.*; *Panorama*, 1837, pag. 44; *O Recreio* (revista semanal litter., 13.ª série, n.º 3, 1892).

Campos e Villa Mean — freg. conc. de Villa Nova da Cerveira. — Capella de Santa Luzia, onde foi a primitiva fundação do convento de freiras de Sant'Anna (benedictinas) de Vianna.

Canal — villa, conc. de Extremoz. — Hospicio de frades paulistas, do Valle do Infante, onde em 1372 se fundou o convento de Santo Antão, que foi demolido no tempo de D. João iv, mudando-se então para Lisboa.

Cannas de Seaborim — villa, conc. de Nellas. — Ha aqui muitos dolmens. Houve no lugar de Valle de Madeiros um convento (duplex ?) de bernardos.

Canavezes — villa, freg. de Santa Maria de Sobre Tamega, conc. de Marco de Canavezes. — Ponte de cantaria, com sete arcos e as guardas guarnecidas de ameias, sobre o Tamega; reedificada pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Alfonso I, a qual mandou construir aqui uma albergaria, a que pertence a capella do Espirito Santo. Igreja matriz edificada tambem por aquella rainha. — *Mem. resuscitadas da provincia de entre Douro e Minho* por Francisco Xavier da Serra Crasbeeck; *Pontes romanas em Portugal* pelo rev. sr. Pedro Augusto Ferreira (*Bolet. da R. Assoc. dos Arch. e Archeol. Portug.*, t. v, n.º 12, pag. 182); *Archeologo Portuguez*, t. i, n.º 1, pag. 20 a 28; *Archivo Pitt.*, vii, 257.

Canedo — freg., conc. da Feira. — Matriz no lugar do Mosteiro, onde houve um convento de freiras benedictinas. Em Mosteiró houve outro.

Canellas — villa e conce'ho. — No sitio da *Fonte do Milho* ha uma muralha, restos de fortaleza antiquissima. Tem aqui apparecido differentes moedas de prata e cobre, quasi todas do imperador Tiberio.

Canidello — freg., conc. de Ponte do Lima. — Torre arabe, chamada «Torre de Florentim Barreto».

Cano — villa, conc. de Fronteira. — Misericórdia fund. pelo povo no sec. xvi. Albergaria fund. na mesma epocha.

Cantanhede — villa e concelho. — Misericórdia e hospital fund. pelos donatarios (condes de Cantanhede e marqueses de Marialva). — Convento de frades capuchos de Santo Antonio no sitio do Agueiro, fund. em 1673. — *Memoria historico chorographica dos dic. conc. do distr. adm. de Coimbra* pelo dr. A. L. de S. Henriques Secco; *Introdução á archeologia da peninsula ibérica* por A. gusto Philippe Simões; *Apontam. de geologia agricola* pelo sr. F. de Figueiredo, pag. 231; *Religiões da Lusitania* pelo dr. Leite de Vasconcellos, t. I, pag. 17.

Castelões — freg., conc. de Vieira. — Castello de Villa Secca com galeria subterranea. — *O Minho Pittoresco*, t. i, 491.

Capareiros — villa, conc. de Vianna. — Matriz antiquissima. — Convento muito antigo, de frades bentos, que passou a abbacia secular no sec. xvi. «Era seu padroeiro Payo Peres, que deu o padroado ao arcebispo D. Payo, pelos annos de 1123; seus successores supprimiram o convento, do qual não ha vestigios.» — *O Minho Pittoresco*, t. i, 235.

Caparica — freg. conc. de Almada. — Mais de 30 cisternas de magnifica e dispendiosa construção arabe, na aldeia de Mofarcem. — *Torre Velha* ou de S. Sebastião de Caparica, mand. edificar no reinado de D. Sebastião. — Matriz fund. nos fins do sec. xvi. — Convento de capuchos arrabidos fund. em 1564 por D. Lourenço Pires Tavora, quando senhor de Caparica. — Convento de N. S.ª da Rosa, de frades paulistas, fund. em 1410, e o de frades agostinhos descalços, no lugar da *Sobradá*, fund. em 1677.

Capinha — freg., conc. do Fundão — Reducto e 4 revelins, a que dão o nome de castello, construção de 1642. — *Apontamentos para a historia do concelho do Fundão* pelo sr. José Germano da Cunha; *Noticias archeologicas de Portugal* pelo sr. dr. Hubner; *Corpus - Inscr. Hisp. Latin.*, vol. ii, pag. 49, 51; *Archeol. Port.*, III, pag. 150.

Caramo — freg., conc. de Felgueiras. — Convento de frades agostinhos fund. em 1090 por D. Gonçalo Mendes, filho do conde D. Nuno Mendes. A igreja d'este convento é matriz da freguezia. — *O Minho Pittoresco*, t. ii, 392.

Caravella — freg., termo de Bragança. — Vestigios de uma fortaleza mourisca (?) nas proximidades de uma ribeira, a O. da freguezia.

(Continua)

Errata

No *Boletim*, n.º 10, pag. 160, linha 26 onde se lê: «o direito real que sobre elle tinha, quando o tivesse este mosteiro» devia ler-se «o direito real que sobre elle tinha, querendo o tivesse este mosteiro».